

Masten, A. S. (2011). Resilience in children threatened by extreme adversity: Frameworks for research, practice, and translational synergy. *Development and Psychopathology*, 23, 493-506. <https://doi.org/10.1017/S0954579411000198>

Maccoby, E. E., & Mnookin, R. H. (1992). *Dividing the child: Social and legal dilemmas of custody*. Harvard University Press.

Margolin, G., Godis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.1.3>

Peixoto, J. (2021). *Divórcio e conflito coparental: Da caracterização à intervenção psicológica com pais litigantes*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade do Minho.

Peixoto, J., Gonçalves, M., Gaspar, M. F., & Matos, M. (2022). Developing a valid and reliable cross-cultural measure of coparenting conflict between divorced parents: The Portuguese version of the Acrimony Scale. *Journal of Child Family Studies*, 31, 6, 1664-1682. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02233-0>

Peixoto, J., & Matos, M. (2022). *Programa For2Parents - Manual de intervenção psicológica no conflito coparental pós-divórcio*. Registo de propriedade intelectual em coautoria n.º 2351/2022. Lisboa: Direção-Geral das Atividades Culturais (IGAC).

PORDATA (2022, 20 de dezembro). Estatísticas sobre Portugal e Europa. <https://www.pordata.pt/subtema/portugal/casamentos+e+divorcios-33>

Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M. F., Antunes, N., & Roque, V. (2015). Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC): Estudos psicométricos. *Revista de Avaliação Psicológica*, 14, 1, 97-106. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1401.11>

ADOÇÃO POR CASAIS DO MESMO SEXO: LENTES CRUZADAS DE PROFISSIONAIS E ADOTANTES.

Resumo.

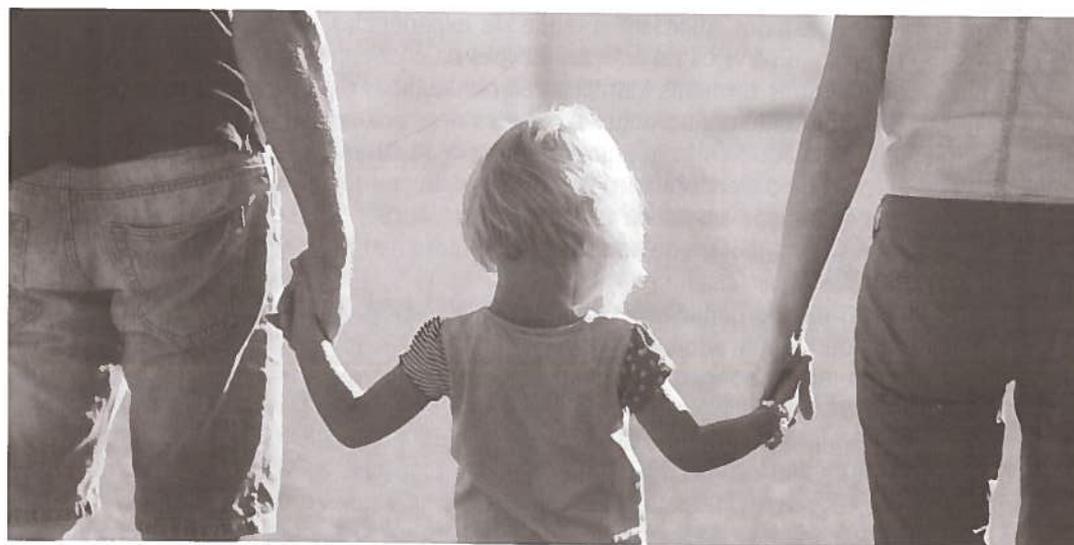
Embora a adoção por casais do mesmo sexo seja permitida em Portugal desde 2016, esta é ainda uma realidade relativamente desconhecida. Neste artigo, debruçamo-nos sobre a temática explorando, por um lado, as perspetivas de profissionais de adoção e, por outro lado, as perspetivas de mães e pais pertencentes a uma minoria sexual (em processo de candidatura ou já com filhos). São apresentados os resultados de dois estudos qualitativos e retiradas implicações para o processo de adoção por casais do mesmo sexo.

Abstract.

Although adoption by same-sex couples has been allowed in Portugal since 2016, this is still a relatively unknown reality. In this article, we address the topic by exploring, on the one hand, the perspectives of adoption professionals and, on the other hand, the perspectives of mothers and fathers belonging to a sexual minority (either in the application process or already with children). The results of two qualitative studies and their implications for the adoption process by same-sex couples are presented.

Margarida Rangel Henriques.
Carolina Pezzoni.
Jorge Gato.
FPCEUP, CIEUP, Universidade
do Porto, Portugal.

Recibido: 31/12/2022
Aceptado: 08/01/2023



INTRODUÇÃO.

Nas últimas décadas, várias leis a favor dos direitos LGBTQ+ (pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, *queer* e pertencentes a outras minorias sexuais e de gênero) foram aprovadas em Portugal, incluindo a adoção por casais do mesmo sexo (Lei n.º 2/2016, 2016, Diário da República). O conhecimento acumulado sobre essas famílias, tanto do ponto de vista das relações familiares quanto dos resultados ao nível do bem-estar das crianças, contraria os argumentos desfavoráveis a este tipo de adoção. Nesta medida, as crianças educadas por casais do mesmo sexo parecem igualmente bem adaptadas, mostrando níveis similares de regulação emocional e bem-estar psicológico, relativamente às congêneres educadas por casais de sexo diferente (para uma revisão meta-analítica ver Suárez et al., 2022).

Embora o preconceito e a discriminação contra as pessoas LGBTQ+ se tenham tornado menos pronunciados nas últimas décadas, especialmente em sociedades que proíbem práticas discriminatórias contra minorias sexuais e de gênero (Gato et al., 2012), estas pessoas continuam a enfrentar muitos obstáculos e dificuldades na sua jornada para se tornarem mães e pais, inclusive quando procuram estabelecer ou expandir uma família através da adoção (Brodzinsky, 2012; Brodzinsky et al., 2012; Messina & D'Amore, 2018; Gato et al., 2021). Um desses obstáculos está relacionado com o preconceito social contra pessoas LGBTQ+, particularmente quando expresso em serviços sociais, de saúde e educacionais (Gato & Fontaine, 2017).

Experiências na interface entre adotantes e serviços de adoção.

Alguns estudos abordam o leque de experiências na interface entre pessoas LGBTQ+ e serviços de adoção. Brooks e Goldberg (2001) verificaram que uma das grandes barreiras identificadas por lésbicas e gays no processo de adoção foi o confronto com crenças e atitudes negativas sobre suas habilidades parentais. Pais adotivos gays entrevistados por Matthews e Cramer (2006) relataram terem sido desencorajados pelas/os assistentes sociais a serem abertos sobre a sua orientação sexual na fase de pré-colocação. Também se sentiram pressionados por agências de adoção para adotar crianças mais velhas ou com necessidades especiais.

Um estudo canadiano revelou que adotantes lésbicas e *queer* ou suspeitaram de preconceito ou relataram ter realmente sofrido discriminação durante o processo de adoção (Ross et al., 2008). No Reino Unido, o *Cambridge Adoption Study* (Mellish et al., 2013) revelou que a maioria das mães lésbicas (75%) sentiram que haviam experimentado algumas reações negativas no sistema de adoção, em comparação com 50% dos pais gays e 30% das mães e dos pais heterossexuais. Hicks (2000) observou que alguns e algumas profissionais de adoção no Reino Unido perseveravam em explorar como os casais do mesmo

sexo poderiam estar aptos a fornecer modelos “apropriados” em termos de papéis de gênero às crianças.

Lésbicas e gays, quer enquanto famílias adotivas, quer famílias de acolhimento, foram entrevistados por Wood (2016, citado em Tasker & Bellamy, 2019), e os resultados indicaram que, durante o estudo da candidatura, a recusa explícita ou o escrutínio excessivo da identidade sexual foi uma experiência rara, mas mencionaram ter cautela em falar da sua relação às e aos profissionais de adoção porque sentiram que não se enquadravam no modelo de família nuclear heteronormativo que estes/as pareciam esperar. Um estudo recente sobre as experiências de famílias adotivas de casais do mesmo sexo, realizado em três países europeus (Espanha, França e Bélgica), revelou que os fatores de *stress* enfrentados durante o processo de adoção foram específicos do contexto e dependiam das barreiras legais existentes em cada país (Messina & D'Amore, 2018). Em contraste, um estudo conduzido no Reino Unido que analisou dados de mães e pais adotivos/os e de potenciais adotantes LGBTQ+ verificou que a maioria não tinha sofrido discriminação no sistema de adoção (Costa & Tasker, 2018).

Com algumas exceções, as pessoas adotantes LGBTQ+ relatam atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios por parte de profissionais de adoção. Às vezes, mesmo acreditando que percebem a homoparentalidade de um modo positivo, estes/as profissionais podem acabar por apresentar práticas discriminatórias (Fernández Molina & Alarcón, 2015). Entretanto, estas atitudes podem mudar quando as/os profissionais recebem formação sobre parentalidade LGBTQ+ (Ryan, 2000).

A necessidade de preparação dos/as profissionais.

Nos Estados Unidos, quase metade das agências de adoção pesquisadas pelo *Evan B. Donaldson Adoption Institute* relataram que estariam interessadas em receber formação para trabalhar com possíveis adotantes lésbicas e gays (Brodzinsky, 2012). Neste sentido, a *American Psychological Association* - APA, bem como organizações profissionais em todo o mundo, têm defendido a necessidade de proficiência no trabalho com as minorias sexuais e, para tanto, formação em competências multiculturais para os seus membros (APA, 2019; Shaw et al., 2012; Ordem dos Psicólogos Portugueses - OPP, 2013, 2020).

Existem efetivamente algumas especificidades apresentadas pelos casais do mesmo sexo – e que decorrem sobretudo do estigma social que ainda existe relativamente às identidades LGBTQ+ – que merecem ser exploradas em maior profundidade durante o processo de adoção. Por exemplo, alguns estudos relataram que pessoas lésbicas e gays podem estar em desvantagem em relação ao apoio social das famílias de origem (Leal et al., 2019, 2021). Contudo, quando carecem desta forma de apoio, estas pessoas criam novas redes relacionais ou “famílias de escolha” (Weston, 1991). Assim, quando existem relações tensas

com a família de origem, estas candidatas e candidatos não devem ser penalizados. Sob a suposição de que os laços biológicos pressupõem necessariamente proximidade afetiva, fazer equivaler redes de apoio social exclusivamente a famílias de origem pode ser considerado uma forma de “adotismo” (Matthews & Cramer, 2008). Em vez disso, as/os profissionais deverão explorar quais redes de apoio alternativas estão disponíveis para os/as potenciais adotantes (Mallon, 2012).

Outro tópico importante de exploração relaciona-se com a revelação da orientação sexual das mães e dos pais. Se estas conversas não ocorrerem, as/os possíveis adotantes poderão ficar sem preparação em algumas áreas, tais como a forma de lidar com essa revelação à criança ou como gerir essa conversa noutros contextos de socialização (por exemplo, na creche, com as/os professoras/es, profissionais de saúde, entre outros) (Matthews & Cramer, 2006, 2008).

Gerir possíveis diferenças em relação à norma é outra tarefa que pode ser importante para ajudar adotantes LGBTQ+ a lidar com os desafios que os seus filhos poderão enfrentar (Matthews & Cramer, 2006). Enquanto alguns casais do mesmo sexo enfatizam que as suas parcerias e estilos parentais não diferem dos heterossexuais, outros reconhecem que pode haver distinções. Por exemplo, casais do mesmo sexo demonstram menos expectativas tradicionais de género e exibem mais flexibilidade na divisão de tarefas domésticas e responsabilidades no cuidado das crianças (e.g., Goldberg et al., 2012).

Finalmente, além de obter o conhecimento e as habilidades para trabalhar com adotantes lésbicas e gays, as/os profissionais devem ser encorajados a desenvolver a consciência acerca dos seus próprios preconceitos heteronormativos e de como estes podem afetar suas interações com os/as adotantes (Goldberg & Gianino, 2012; Mallon, 2012).

O contexto português para adoção por casais do mesmo sexo.

Em Portugal, a adoção é um processo assegurado predominantemente por equipas de profissionais do Estado, cuja intervenção é gratuita. As equipas de adoção são multidisciplinares e compostas por assistentes sociais, psicólogas/os, educadoras/es de infância, animadoras/es sociais e juristas. Existe uma sessão de grupo informativa inicial, durante a qual as pessoas são informadas sobre os trâmites da adoção, bem como sobre possíveis percursos de adversidade e as necessidades específicas das crianças a quem é decretado o projeto de vida de adoção. Uma vez efetuada a inscrição, os/as candidatos/as são então avaliados/as pelos serviços de adoção, geralmente por profissionais que trabalham numa dupla.

O processo de avaliação concentra-se em identificar a adequação dos/as candidatos/as e o seu perfil de capacidades para responder às necessidades das crianças, seguindo o Modelo de Necessidades-Capacidades (Palacios, 2007). Esta avaliação inclui um conjunto de entrevistas, uma visita domiciliária e al-

guns questionários opcionais, seguindo as diretrizes nacionais (Instituto de Segurança Social, 2014) e resultará num relatório com a indicação de aceitação ou não da candidatura.

As únicas estatísticas oficiais disponíveis sobre adoção por pessoas do mesmo sexo são de 2018. Neste ano, 85% ($n = 125$) das crianças foram adotadas por casais de sexo diferente, 12% ($n = 18$) por pessoas solteiras, e 3% ($n = 5$) por casais do mesmo sexo. Até 2021, pelo menos 16 casais do mesmo sexo tinham adotado (Agência Lusa, 2021).

Na maioria dos casos a adoção é nacional, havendo também situações de adoção internacional em que crianças portuguesas são colocadas em famílias de outros países (o que tem acontecido em alguns casos com casais do mesmo sexo) e, em menor percentagem, situações de adoção internacional em que famílias portuguesas adotam crianças de outros países. É provável que algumas das mães e alguns dos pais adotivos/os solteiras/os pertençam a uma minoria sexual, mas os dados não foram divididos em adotantes não heterossexuais e heterossexuais (Conselho Nacional Para a Adoção, 2018).

Estas proporções assemelham-se às encontradas em outros países europeus onde a adoção por pessoas do mesmo sexo é possível, como o Reino Unido (Tasker & Bellamy, 2019). Há também evidência de que, comparativamente com pessoas heterossexuais, pessoas lésbicas e gays apresentam maior probabilidade de adotar crianças com características que dificultam a sua chance de colocação, como idade avançada ou origem étnica/racial diferente da predominante (Costa & Tasker, 2018; Matthews & Cramer, 2006; Mellish et al., 2013), o que permite estimar um possível aumento no número de crianças adotadas por pessoas LGBTQ+ em Portugal, nos próximos anos.

Quanto a estudos sobre atitudes face à adoção LGBTQ+ em Portugal destacamos, muito sumariamente, um estudo realizado com estudantes portuguesas/es de profissões de ajuda, por Gato e Fontaine (2017), no qual foi encontrada uma associação entre o heterossexismo moderno, que é uma forma de preconceito mais subtil, e atitudes negativas em relação à adoção por mulheres lésbicas e homens gays. Por sua vez, Xavier et al. (2019) entrevistaram uma amostra de psicólogos/as, assistentes sociais, juristas e juizes/as em Portugal, com o objetivo de identificar as representações sociais da parentalidade LGBTQ+, entre profissionais com experiência na área da família e parentalidade. No discurso das/os participantes, foram identificados argumentos afirmativos de que a orientação sexual não define a qualidade parental e de que existem competências específicas entre essas famílias. No entanto, também foram encontradas reservas sobre o acesso de casais do mesmo sexo à parentalidade, particularmente por parte de juristas.

Dado o papel crítico que desempenham, torna-se importante analisar as perspetivas das/os profissionais das equipas de adoção sobre as suas experiências de trabalho com candidatos/as a adotantes LGBTQ+, no sentido de identificar as suas dificuldades, dúvidas, valores e necessidades neste domínio. A identifi-

cação de possíveis lacunas de conhecimento e eventuais atitudes menos positivas em relação à adoção por estas pessoas será crucial para o planeamento de uma formação ajustada à sua realidade. Da mesma forma, conhecer também as experiências e a perspetiva de candidatas/os e de pais e de mães LGBTQ+ sobre o processo de adoção irá contribuir para que as práticas profissionais no domínio da adoção sejam cada vez mais inclusivas de diferentes estruturas e dinâmicas familiares, potenciando as suas competências e, com isso, o bem-estar da criança e de todos os elementos da família.

Neste sentido, ao qual se soma a expectativa de aumento no número de crianças adotadas por casais de mesmo sexo em Portugal nos próximos anos, este estudo propõe-se a investigar de forma paralela e inter cruzada as perspetivas dos profissionais de adoção e a visão de (futuros/as) pais/mães adotivos LGBTQ+ sobre as suas experiências de adoção, de forma a promover a qualificação das práticas da adoção por pessoas LGBTQ+ no nosso país.

MÉTODO.

O trabalho aqui apresentado é composto por dois estudos qualitativos, um focado na perspetiva dos profissionais de adoção sobre a adoção LGBTQ+ (*Estudo 1*) e outro centrado na experiência e perspetiva de candidatos e mães/pais LGBTQ+ em relação aos Serviços (*Estudo 2*).

Participantes.

Participaram no *Estudo 1* 12 profissionais de equipas de adoção, divididos em dois grupos focais (com cinco participantes no primeiro grupo e sete no segundo). As participantes eram mulheres caucasianas com idades compreendidas entre 35 e 64 anos, com uma idade média de 45.25 anos ($DP = 8.41$). No momento do estudo, tinham em média 14 anos de experiência na área de adoção. Eram psicólogas, assistentes sociais, educadoras de infância e juristas. Os grupos focais foram naturais e homogéneos, incluindo profissionais que trabalhavam juntas com frequência e tinham um bom relacionamento entre si.

O *Estudo 2*, conduzido por meio de entrevistas individuais semi-estruturadas, contou com a participação de quatro participantes lésbicas ou gays: um candidato a adoção (integrante de um casal gay), ainda a aguardar a identificação da criança; duas mães adotivas (casal de lésbicas) de dois irmãos biológicos, um menino (11 anos) e uma menina (8 anos); e um pai adotivo (integrante de um casal gay) de um menino com 10 anos. As/os participantes foram selecionadas/os por conveniência (a partir da rede de participantes do Projeto de Investigação “Adoção LGB em Portugal: Reenquadrando Práticas Profissionais”, coordenado por dois dos autores deste estudo) e contactadas/os via e-mail.

Instrumentos e Procedimentos de Recolha de dados.

No *Estudo 1*, foi utilizado como método o *focus group* (Krueger & Casey, 2009). As entrevistas foram realizadas de acordo com as indicações inerentes ao método quanto ao espaço e ambiente a proporcionar, tendo tido cada uma delas a duração de aproximadamente duas horas. Com vista a manter o foco no objetivo da investigação, foi utilizada uma abordagem relativamente estruturada para garantir que todos os grupos discutissem as mesmas questões (Morgan, 1998). Os *focus group* seguiram um guião semi-estruturado e as questões propostas passaram por:

1. Principais desafios identificados na adoção por casais do mesmo sexo;
2. Conhecimentos, habilidades, valores e crenças pessoais sobre esses ambientes familiares;
3. Questões a serem abordadas numa formação especializada nesta área no futuro.

No *Estudo 2* foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com pais, mães ou candidatos/as ao processo de adoção, focadas em dois grandes domínios: (1) a sua experiência no projeto de adoção; (2) a sua perspetiva acerca da atuação dos/as profissionais neste domínio. O guião das entrevistas semi-estruturadas integrou os seguintes tópicos:

1. Motivações e experiência na construção de um projeto de adoção;
2. Perspetivas sobre o processo de adoção com candidatos LGBTQ+ e experiências dos/as profissionais com estes casos;
3. Eventuais sugestões de mudanças a serem feitas por parte dos/das profissionais.

De acordo com as regras éticas formais, o consentimento informado foi obtido antes das entrevistas em ambos os estudos.

Análise de dados.

Tanto as entrevistas dos dois *focus group* (*Estudo 1*), como as entrevistas individuais (*Estudo 2*), foram gravadas, respetivamente, em vídeo e em áudio, transcritas verbatim e verificadas quanto à precisão. A análise temática foi indutiva e seguiu um processo iterativo de codificação, categorização e abstração (Patton, 2002), utilizando procedimentos consistentes com a análise de conteúdo proposta pelo Modelo de Pesquisa Qualitativa Consensual (Hill, 2012), realizada por mais do que um investigador¹. Procurou-se, assim, identificar as categorias temáticas associadas aos tópicos em estudo: no *Estudo 1*, a partir do discurso

¹ Destacamos um agradecimento à Mestre Daniela Leal e à Mestre Ana Teresa Jardim pelo seu trabalho na análise das entrevistas individuais.

das profissionais, os desafios enfrentados, valores e necessidades; no *Estudo 2*, focado no discurso dos pais, mães e candidatos/as à adoção, as experiências, perspectivas e sugestões acerca do processo de adoção.

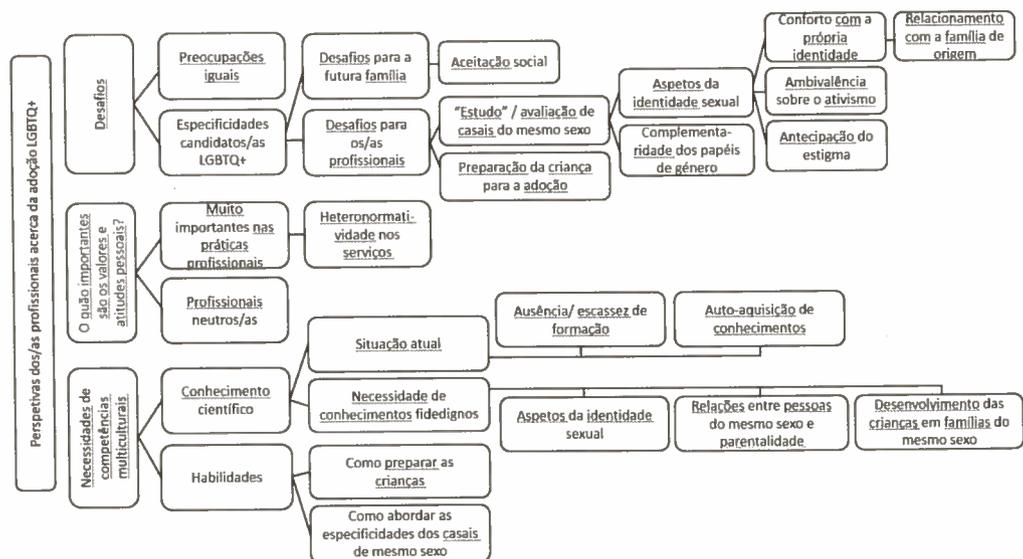
RESULTADOS.

Os resultados serão apresentados seguindo as árvores de categorias construídas, primeiro para o *Estudo 1* (Figura 1) e depois para o *Estudo 2* (Figura 2), como forma de facilitar a visão de conjunto. Destacam-se em itálico negrito as categorias centrais e em itálico as subcategorias, sendo cada uma descrita através de trechos de transcrições que são acompanhados por um código que identifica a/o participante e o *focus group*.

Estudo 1 - Perspetiva das profissionais sobre a adoção por casais do mesmo sexo.

Da análise temática das transcrições dos *focus group* realizados com as profissionais emergiram três temas principais: (i) desafios iguais ou diferentes para este tipo de adoção, (ii) a importância dos valores e atitudes pessoais, e (iii) a falta de formação em temas LGBTQ+ e a necessidade de competências multiculturais. Na Figura 1, tem-se a árvore com o conjunto de categorias dos resultados, a seguir descritos com mais detalhe.

Figura 1. Categorias e subcategorias relativas às “Perspetivas de profissionais sobre a adoção LGBTQ+”.



I. Desafios iguais ou diferentes na adoção por casais de mesmo sexo e heterossexuais.

Este tema foi expresso de duas formas: preocupações iguais e preocupações específicas dos/das candidatos/as LGBTQ+.

Desafios iguais.

Algumas profissionais mencionaram ter as mesmas preocupações sobre a avaliação de possíveis mães/pais heterossexuais e mães lésbicas/pais gays. Por exemplo, “as minhas dúvidas são exatamente as mesmas que tenho com todos os outros casais, ou seja, a adoção vai funcionar ou não? Sempre da perspectiva das crianças, o amor vai acontecer, vai surgir uma faísca?” [D., FG1].

A motivação para adotar foi uma preocupação geral não relacionada com a orientação sexual do candidato. Uma participante mencionou o seguinte: “... nós sabemos e argumentamos que essa motivação para adotar [não poder ter filhos biológicos] pode ser um fator de risco. Tem que haver algo mais... porque a adoção é uma questão de responsabilidade social também” [N., FG2].

Desafios específicos.

A maioria das participantes identificou particularidades nos desafios em situações de adoção por lésbicas e gays, uns associados à família no futuro e outros ao trabalho das profissionais. Nos **desafios para a futura família a aceitação social** foi vista por algumas participantes como um desafio futuro para as famílias de mesmo sexo. Uma participante observou: “...que tipo de dificuldades extras essas crianças enfrentarão por terem duas mães ou dois pais, porque a nossa sociedade não está preparada” [I., FG1].

Nos **desafios para as profissionais**, mencionaram desafios em duas etapas importantes do processo de adoção, no *estudo da candidatura* e na *preparação da criança para a adoção*. Em relação ao estudo das candidaturas dos casais do mesmo sexo, as participantes referiram a preocupação com aspetos relacionados com a identidade sexual das futuras mães e dos futuros pais adotivos/os. Sublinharam que as candidatas lésbicas e os candidatos gays devem estar confortáveis com sua própria identidade sexual e capazes de proteger a criança do preconceito e da discriminação: “Portanto, temos que garantir que eles terão competências, habilidades, força, para que possam defender o interesse superior da criança frente ao estigma, os comentários [homofóbicos], etc.” [I2, FG2].

Identificaram, ainda, como um fator importante neste sentido, a *relação do futuro adotante com a família de origem*. Ao descrever um caso no qual houve ruptura entre o casal do mesmo sexo e suas respectivas famílias de origem, uma participante mencionou: “...nós podemos até entender que a princípio houve uma ruptura, mas estamos a falar de algo que aconteceu há mais de 20 anos, mas depois a vida continua e as pessoas precisam de reconstruir as suas vidas. Eles podem fazer as pazes, não podem?” [M., FG2].

Outro aspeto da identidade sexual que emergiu nos discursos das profissionais demonstra uma certa ambivalência em relação ao ativismo dos candidatos e seus possíveis efeitos sobre o bem-estar da criança. Ao falar sobre um casal de possíveis mães lésbicas, uma participante comentou: “Elas estão muito envolvidas [as candidatas lésbicas], o que pode ser bom ou mau... São pessoas bastante ativas, que vão... que vão a manifestações [LGBT]...” [I., FG1].

Algumas participantes relataram ainda que candidatas lésbicas e candidatos gays antecipam frequentemente, elas/es próprias/os, a *estigmatização* no modo como irão ser tratadas/os pelo serviço de adoções. Isto foi entendido por algumas participantes como uma forma de preconceito das/os candidatas/os de minorias sexuais em relação aos profissionais de adoção e à sociedade em geral: “Eles próprios [lésbicas e gays] têm muitos preconceitos (...). É a expectativa de que outros terão preconceito contra eles.” [M., FG2].

Outra preocupação emergente no discurso das profissionais refere-se à *complementaridade nos papéis de género*, aspeto que numa candidatura de casais do mesmo sexo seria apontado como uma falta e que lhes levanta muitas dúvidas. Uma participante levantou a seguinte questão: “...uma figura do sexo oposto. Tem que existir? Temos que levar isso em conta quando fazemos a seleção?” [I., FG1].

Quanto à *preparação da criança para a adoção* por casais do mesmo sexo, esta também foi vista como um processo desafiador. Neste caso, as participantes consideraram que a criança deveria ser informada previamente quanto à configuração de sua futura família e talvez acerca das suas particularidades e desafios. Uma delas referiu um caso específico: “e portanto fomos cuidadosas quando dissemos às crianças [na instituição de acolhimento] que as famílias são todas diferentes, assim como sua própria família, alguns vivem com seus avós, outros com suas mães, outros com seus pais” [R., FG1].

II. Importância dos valores e atitudes pessoais.

Nas sessões de *focus group*, discutiu-se entre as participantes o quanto e de que modo os seus valores pessoais poderiam influenciar as suas atitudes e decisões em relação à adoção por casais de mesmo sexo.

A maioria das profissionais consideraram que seus próprios *valores e atitudes pessoais poderão influenciar a prática profissional*: “Embora racionalmente digamos a nós mesmas: ‘Está bem, para mim é normal; é a mesma coisa’, eu pergunto-me até que ponto (...) não nos deixamos ser contaminadas de alguma forma por alguns, não diria preconceitos, somos influenciadas por todas essas crenças e valores que também temos” [J., FG2].

Algumas profissionais chamaram a atenção para a *heteronormatividade* que prevalece nos serviços de adoção: “...nós também não perguntamos. Por isso, desde o início, aí está o nosso preconceito. Nós assumimos que todos (na equipa de profissionais), todos somos heterossexuais” [I., FG1].

Por outro lado, algumas participantes consideraram que pode haver *neutralidade* por parte dos/as profissionais das equipas de adoção: “...Acredito que a experiência profissional me deu ferramentas (...) a capacidade de me distanciar. Quando estou aqui, estou a avaliar como técnica e não sou a [o seu nome]” [P., FG2].

III. Necessidade de competências multiculturais e formação em temas LGBTQ+.

O terceiro tema emergente nesta reflexão sobre a adoção por casais de mesmo sexo relaciona-se com a necessidade de formação e de competências multiculturais, especificamente sobre a temática LGBTQ+, em dois níveis: *conhecimento científico e habilidades*.

Ao nível do *conhecimento científico*, as participantes descreveram que a sua *situação atual* em termos do exercício profissional quanto à adoção LGBTQ+ se caracteriza por uma *escassez de formação* e de orientações que as atualize e prepare devidamente nesse domínio. Afirmam aceder de forma *auto-didacta aos conhecimentos* e habilidades, por meio de uma aprendizagem autónoma, utilizando fontes on-line, sem referências de qualidade.

Na análise temática do discurso das participantes, a percepção *da necessidade de conhecimentos fidedignos* relacionados principalmente com: (i) aspetos de *identidade sexual*, incluindo, por exemplo, questões de auto-aceitação ou de insegurança; (ii) *relações entre pessoas do mesmo sexo e sua parentalidade*, como estabilidade e vivência conjugal; e (iii) *desenvolvimento de crianças em famílias do mesmo sexo*, como foco no bem-estar da criança. Estes foram os aspetos do conhecimento considerados em falta pelas participantes e sobre os quais elas expressaram a necessidade de aprender mais. No âmbito das *capacidades* técnicas, as profissionais participantes identificaram as seguintes necessidades de formação: (i) *como preparar as crianças* e (ii) *como abordar as especificidades dos casais de mesmo sexo*.

Estudo 2 - Experiências e opiniões de mães e pais ou candidatas/os sobre o processo de adoção.

De um modo geral, a análise temática das entrevistas com as mães, pais e candidatas/os mostrou que as suas motivações para adotar não são diferentes das mais comuns nas famílias heterossexuais: “ser mãe”, “ser pai” e “ajudar as crianças”.

Ao mesmo tempo, a fase de tomada de decisões foi permeada por numerosas inquietações, duas das quais especificamente relacionadas com a sua orien-

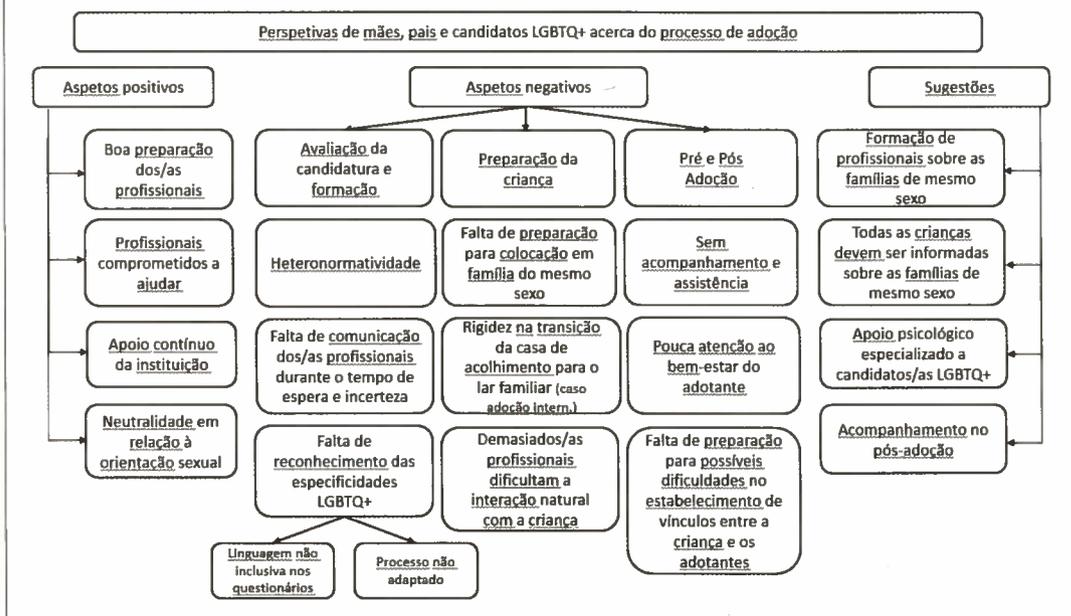
tação sexual: (i) a percepção de atitudes e comportamentos discriminatórios por parte da sociedade, e (ii) a necessidade de uma boa preparação da criança para a adoção para lidar com os comentários negativos.

Em relação às redes de apoio, que podem incluir a família estendida e amigos, duas narrativas emergiram: o casal feminino mostrou-se muito satisfeito com o apoio fornecido pela sua família, enquanto o participante do casal masculino referiu sentir-se solitário e sobrecarregado.

Quanto ao perfil da criança procurada para adoção, as/os participantes não expressaram limitações quanto ao género ou etnia. Por outro lado, dois deles colocaram como limite a idade pré-escolar (4 e 5 anos), devido à necessidade de tempo para ensinar e normalizar questões específicas associadas à homoparentalidade, bem como para preparar a criança quanto a possíveis situações negativas/discriminatórias antes de entrar na escola.

Todos/as os/as participantes valorizaram a importância da abertura de comunicação na família em relação à adoção e à estrutura familiar. Eles/as traçaram um paralelo com as experiências negativas que enfrentaram com as suas famílias de origem a propósito da afirmação da sua orientação sexual, considerando importante que a comunicação com seus/suas filhos/as seja aberta para que não sintam que abordar o tema da adoção ou da estrutura familiar é tabu.

Figura 2. Categorias e subcategorias emergentes a partir da “Perspetiva de mães, pais e candidatos sobre o processo de adoção”.



Também emergiu no discurso espontâneo dos/as participantes o aspeto da comunicação quanto à forma como os/as filhos/as destes casais falam sobre a sua família com os pares e a comunidade. Em ambas as famílias homoparentais, as crianças praticam o que é definido na literatura como “abertura seletiva”, ou seja, só falam sobre isso com poucas pessoas, aquelas em quem confiam, por receio de se tornarem alvo de atitudes e/ou comportamentos discriminatórios.

No âmbito dos recursos e estratégias utilizadas pelos/as participantes quando confrontados/as com dificuldades e obstáculos no processo de adoção (a criança sofrer *bullying*, por exemplo), os grupos de apoio foram considerados a melhor forma de obter ajuda e recursos de enfrentamento a esses desafios. No entanto, um recurso que as mães também mencionaram como muito valioso foram as encenações (*role play*), nos quais se criaram situações hipotéticas de discriminação e depois ensinaram como responder e lidar com essas situações.

Quanto à perspectiva dos/as participantes sobre o processo de adoção, estas foram categorizadas em: aspetos positivos, aspetos negativos e sugestões, de acordo com a árvore de categorias a seguir apresentada. (Figura 2).

Como **aspetos positivos**, foram destacados: a *boa preparação dos profissionais*, o seu *comprometimento em ajudar*, o *apoio contínuo da casa de acolhimento da criança e da equipa de adoção* e a *neutralidade em relação à orientação sexual dos candidatos*. Segundo referiu um participante:

Eu estava com medo de ser discriminado. Não foi isso que aconteceu, nem por parte dos outros candidatos com quem interagimos nas sessões de grupo, nem por parte dos profissionais que fizeram o estudo da candidatura. Sempre recebemos deles absoluta receptividade e respeito, e nunca nos sentimos tratados de maneira diferente por sermos um casal diferente. (...) Eu não senti nenhuma atitude ou comportamento discriminatório. Fomos muito bem tratados e, ousou dizer, com muita admiração. [homem, casal do mesmo sexo]

Os **aspetos negativos** foram identificados por alguns e algumas participantes nas fases da **avaliação da candidatura e formação**; na **preparação da criança**; e nas **pré e pós-adoção**.

No caso da **avaliação da candidatura**, destacou-se a influência da *heteronormatividade*, que levou a uma *falta de reconhecimento das especificidades LGBTQ+* e, portanto, a um *processo não adaptado* a esta população, à *ausência de uma linguagem inclusiva nos questionários* e à *falta de comunicação dos profissionais no tempo de espera*, gerando incerteza nos candidatos durante o período de espera de chegada da criança.

No caso da **preparação da criança**, os/as participantes apontaram para a *falta de preparação quanto à sua inserção numa família homoparental*, a *rigidez na*

transição da casa de acolhimento para a casa da família (em especial no caso da adoção internacional) e o envolvimento de *demasiados profissionais, dificultando a interação natural da família com a criança*.

Por fim, nas fases de **pré e pós-adoção**, eles/as referiram a *falta de acompanhamento e de assistência, com pouca atenção ao bem-estar dos adotantes e a falta de preparação perante as dificuldades no estabelecimento de vínculos entre a criança e a sua família*.

Algumas **sugestões** para o processo de adoção emergiram a partir das entrevistas. Foram referidas, por exemplo, a importância da *formação dos profissionais sobre as especificidades das famílias homoparentais e a necessidade de informar todas as crianças sobre essas famílias*. Uma das participantes relatou: “Em parte, para a preparação da criança, talvez as coisas [adoção por pessoas do mesmo sexo] pudessem ter sido explicadas de forma mais clara (...) eles deveriam ter esse tipo de discussão desde o início” [mulher, casal do mesmo sexo].

Tendo em conta os desafios adicionais devido à orientação sexual, como a discriminação, que geram acrescida ansiedade e insegurança, os/as participantes referiram também a pertinência de haver um *apoio psicológico especializado aos candidatos LGBTQ+*, bem como um *acompanhamento na fase de pós-adoção*:

Se houvesse um sistema de apoio, algum tipo de apoio psicológico para pais do mesmo sexo, talvez isso pudesse ser bom para ajudar a lidar com problemas quotidianos (...) Sinto que todos os casais deveriam ter acesso, de certa forma, a sessões de psicoterapia, onde se poderia discutir o processo de vinculação com a criança. [homem, casal do mesmo sexo]

DISCUSSÃO.

As preocupações identificadas neste estudo, no que diz respeito à aceitação social dos pais e mães LGBTQ+ que já adotaram ou pretendem adotar, e evidenciadas quer pelas profissionais, quer pelas famílias, decorrem do preconceito que ainda se faz sentir contras as pessoas LGBTQ+ em diversas partes do mundo.

No que diz respeito especificamente aos resultados do *Estudo 1*, as profissionais consideraram importante que os/as candidatos/as pertencentes a minorias sexuais se sentissem confortáveis com sua orientação sexual, para que pudessem enfrentar o preconceito de forma efetiva e proteger a criança (Brodzinsky et al., 2012; Mallon, 2012). Contudo, algumas formas mais subtis de preconceito em relação às minorias sexuais foram identificadas no discurso das participantes (Gato et al., 2012). Algumas profissionais assumiram, por exemplo, que as redes de apoio social das pessoas pertencentes a minorias sexuais seriam as mesmas que as das pessoas heterossexuais, o que não é necessariamente ver-

dade (Leal et al., 2019, 2021; Weston, 1991). Também surgiram dúvidas relacionadas com uma suposta “excessiva” visibilidade da identidade sexual minoritária. Esta posição parece ir ao encontro da ideia de que a homossexualidade é aceite enquanto permanecer oculta e não desafiar abertamente a normatividade da heterossexualidade (Gato et al., 2012).

A antecipação do estigma foi às vezes interpretada como uma espécie de preconceito na forma como os/as candidatos/as de minorias sexuais se apresentam aos/as profissionais de adoção e à sociedade em geral. Tal revela uma certa falta de compreensão de como o estigma social afeta a vida de uma pessoa LGBTQ+ (Meyer, 2003, 2015), ignorando a posição dominante em que os profissionais se encontram, na situação em causa.

A exigência da complementaridade de papéis de género na educação de uma criança é ainda vista como uma teoria científica que deve orientar a prática (Hicks, 2000). Tais preconceitos heteronormativos precisam ser desafiados e confrontados com estudos baseados em evidências que destacam a importância dos processos psicológicos em detrimento da estrutura familiar e nomeadamente a complementaridade de género (Suárez et al., 2022).

Quanto aos resultados do *Estudo 2*, ainda que o grupo de entrevistadas/os seja muito reduzido, a descrição da vivência do projeto adotivo é convergente com o que está descrito na literatura. Tal como proposto por Costa e Tasker (2018), as motivações impulsionadoras centraram-se em duas categorias: altruístas (“ajudar as crianças”) e individualistas (“ser mãe ou ser pai”). Nomeadamente, o desejo de ser pai/mãe é uma motivação comumente apresentada por casais heterossexuais. Embora os participantes tenham referido motivações individualistas para a adoção, o mesmo não se refletiu na imposição de características em termos de género, “raça” ou etnia em relação ao perfil da criança, tal como descrito na literatura.

Conquanto as narrativas familiares tenham sugerido diferentes experiências acerca das redes de apoio, o apoio prestado pela família e/ou amigos é considerado extremamente importante para as dinâmicas familiares adotivas, especialmente para os casais do mesmo sexo que enfrentam dificuldades e obstáculos ao longo do processo de adoção (Messina & D’Amore, 2018). Cabe destacar ainda que as duas participantes (do casal de mesmo sexo) referiram que tiveram uma experiência positiva ao longo de todo o processo de adoção e que os profissionais sempre se mostraram bastante empenhados em ajudar, resultado convergente com o encontrado por Ryan e Whitlock (2007).

CONCLUSÕES.

Ao cruzar as visões emergentes de ambos os estudos, salienta-se que as inquietações frequentemente referidas pelas profissionais, são sentidas também pelos/as adotantes: a criança ser alvo de discriminação. Sobressai também a con-

vergência entre uns e outros quanto à necessidade de formação específica dos/as profissionais para o trabalho com candidatas/os LGBTQ+.

A despeito do reduzido número de entrevistas, tanto de adotantes como de profissionais, fica clara a importância de que as profissionais aceitem a orientação sexual das/os candidatas/os sem discriminação, mas também de que vão para além dessa aceitação e se tornem fontes de apoio ao longo do processo de adoção, ajudando a dar segurança face às eventuais angústias específicas sentidas por adotantes LGBTQ+.

Neste sentido, estas poderiam beneficiar-se da aquisição de conhecimentos científicos sobre famílias adotivas do mesmo sexo ao longo de seu ciclo de vida, da aquisição de competências para trabalhar com essas famílias e da flexibilização de suas crenças e atitudes em relação à adoção por pessoas LGBTQ+, libertando-se as suas intervenções de uma perspetiva heteronormativa.

Por sua vez, as agências de adoção e as políticas de adoção devem estar atentas à heteronormatividade dos serviços (por exemplo, nos formulários de solicitação), à utilização de uma linguagem inclusiva, ao acompanhamento na fase de pós-adoção e à preparação da criança para o acolhimento ou adoção por famílias LGBTQ+. Colocam-se, portanto, estes desafios e implicações para a prática, com a convicção de que todos os/as interessados/as estão abertos/as ao diálogo e cientes da importância da construção de novos caminhos para uma intervenção psicossocial afirmativa na área da adoção.

Bibliografía

- Agência Lusa.** (2021, 27 Junho). *Pelo menos 16 casais homossexuais adotaram uma criança desde mudanças legais há cinco anos*. Observador. <https://observador.pt/2021/06/27/pelo-menos-16-casais-homossexuais-adotaram-uma-crianca-desde-mudancas-legais-ha-cinco-anos/>
- American Psychological Association.** (2019). Society for the Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, Division 44. <https://www.apadivisions.org/division-44/resources>
- Brodzinsky, D. M.** (2012). Adoption lesbians and gay men: A national survey of adoption agency policies and practices. In D. M. Brodzinsky & A. Pertman (Eds.), *Adoption by lesbians and gay men. A new dimension in family diversity* (pp. 62–84). Oxford University Press.
- Brodzinsky, D. M., Green, R. J., & Katuzny, K.** (2012). Adoption by lesbians and gay men: What we know, need to know, and ought to do. In D. M. Brodzinsky & A. Pertman (Eds.), *Adoption by lesbians and gay men. A new dimension in family diversity* (pp. 233–253). Oxford University Press.
- Brooks, D., & Goldberg, S.** (2001). Gay and lesbian adoptive and foster care placements: Can they meet the needs of waiting children? *Social Work, 46*(2), 147–157. <https://doi.org/10.1093/sw/46.2.147>
- Conselho Nacional Para a Adoção.** (2018). *Relatório Anual de Atividades 2018*. 5828ff7f-ba45-4434-9d57-c9cd18ab056c (seg-social.pt)
- Costa, P., & Tasker, F.** (2018). "We wanted a forever family". Altruistic, individualistic and motivated reasoning motivations for adopting among LGBTQ individuals. *Journal of Family Issues, 39*(18), 4156–4156. <https://doi.org/10.1177/0192513X18810948>
- Fernández Molina, M., & Alarcon, E.** (2015). Adoption and homosexual parenting. Professionals attitudes in a Spanish sample. *Acción Psicológica, 12*(1), 91–102. <https://doi.org/10.5944/ap.12.1.14269>

- Gallant, N.** (2000). What works in special needs adoption. In M. P. Kluger, G. Alexander, & P. A. Curtis (Eds.), *What works in child welfare* (pp. 227–234). CWLA Press.
- Gato, J., & Fontaine, A. M.** (2017). Predicting attitudes toward lesbian and gay parent families among Portuguese students from helping professions. *International Journal of Sexual Health, 29*(2), 187–201. <https://doi.org/10.1080/19317611.2016.1268232>
- Gato, J., Fontaine, A. M., & Carneiro, N. S.** (2012). Multidimensional scale of attitudes toward lesbians and gay men: Construction and preliminary validation. *Paideia (Ribeirão Preto), 22*(51), 11–20. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100003>
- Gato, J., Henriques, M., Leal, D.** (2021). Adoption by lesbian women and gay men: Perceived challenges and training needs for professionals in Portugal. *Adoption Quarterly, 24*(2), 152–175. <https://doi.org/10.1080/10926755.2020.1834044>
- Goldberg, A. E., & Gianino, M.** (2012). Lesbian and gay adoptive parent families: Assessment, clinical issues, and intervention. In D. M. Brodzinsky & A. Pertman (Eds.), *Adoption by lesbians and gay men. A new dimension in family diversity* (pp. 204–232). Oxford University Press.
- Goldberg, A. E., Smith, J. Z., & Perry-Jenkins, M.** (2012). The division of labor in lesbian, gay, and heterosexual new adoptive parents. *Journal of Marriage and Family, 74*(4), 812–828. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2012.00992.x>
- Hicks, S.** (2000). Good lesbian, bad lesbian. Regulating heterosexuality in fostering and adoption assessments. *Child and Family Social Work, 5*(2), 157–168. <https://doi.org/10.1046/j.1365-2206.2000.00153.x>
- Hill, C. E.** (Ed.). (2012). *Consensual qualitative research: A practical resource for investigating social science phenomena*. American Psychological Association.
- Instituto de Segurança Social.** (2014). *Manual da intervenção dos organismos de Segurança Social na adoção de crianças*. ISSIP.
- Krueger, R. A., & Casey, M. A.** (2009). Developing a questioning route. In *Focus groups: A practical guide for applied research* (pp. 35–60). Sage Publications.
- Leal, D., Gato, J., & Coimbra, S.** (2019). How does sexual orientation influence intergenerational family solidarity? An exploratory study. *Journal of Prevention and Intervention in the Community, 19*, 1–12. <https://doi.org/10.1080/10852352.2019.1627081>
- Leal, D., Gato, J., Coimbra, S., Freitas, D., & Tasker, F.** (2021). Social support in the transition to parenthood among lesbian, gay, and bisexual Persons: A systematic review. *Sexuality Research and Social Policy*. Advance online publication.
- Lei no. 2/2016.** (2016). Assembleia da República. Diário da República: I sérieN.,s 41. http://dre.pt/home/-Idre/73740375/details/maximized?p_auth1/4S06z3dSx
- Mallon, G.** (2012). Lesbian and gay prospective foster and adoptive families. The home study assessment process. In D. M. Brodzinsky & A. Pertman (Eds.), *Adoption by lesbians and gay men. A new dimension in family diversity* (pp. 130–149). Oxford University Press.
- Matthews, J., & Cramer, E.** (2008). Parallel process issues for lesbian and gay adoptive parents and their adopted children. *Journal of Family Social Work, 9*(3), 35–56. https://doi.org/10.1300/j039v09n03_03
- Matthews, J. D., & Cramer, E. P.** (2006). Envisaging the adoption process to strengthen gay- and lesbian-headed families: Recommendations for adoption professionals. *Child Welfare, 85*(2), 317–340.
- Mellish, L., Jennings, S., Tasker, F., Lamb, M., & Golombok, S.** (2013). *Gay, lesbian, and heterosexual adoptive families: Family relationships, child adjustment, and adopters' experiences*. British Association for Adoption and Fostering.
- Messina, R., & D'Amore, S.** (2018). Adoption by lesbians and gay men in Europe: Challenges and barriers on the journey to adoption. *Adoption Quarterly, 21*(2), 59–81. <https://doi.org/10.1080/10926755.2018.1427641>

Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. https://orcid.org/10.1300/J082v04n03_01

Meyer, I. H. (2015). Resilience in the study of minority stress and health of sexual and gender minorities. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 209–213. <https://doi.org/10.1037/sgd0000132>

Morgan, D. L. (1998). *Planning focus groups*. Sage Publications.

Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2013). *Relatório de evidência científica psicológica sobre relações familiares e desenvolvimento infantil nas famílias homoparentais*. https://www.ordemdospicologos.pt/ficheiros/documentos/relatorio_de_evidencia_cientifica_psicologica_sobre_as_relacoes_familiares_e_o_desenvolvimento_infantil_nas_familias.pdf

Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2020). *Linhas de orientação para a prática profissional no âmbito da intervenção psicológica com pessoas LGBTQ*. https://www.ordemdospicologos.pt/ficheiros/documentos/linhasorientacao_lgbtq.pdf

Palacios, J. (2007). *Intervenciones profesionales en adopción internacional*. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales/Universidad de Sevilla.

Patton, M. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. Sage Publications.

Ross, L., Epstein, R., Goldfinger, C., Steele, L., Anderson, S., & Strike, C. (2008). Lesbian and queer mothers navigating the adoption system: The impacts on mental health. *Health Sociology Review*, 17(3), 254–266. <https://doi.org/10.5172/hesr.451.17.3.254>

Ryan, S. D. (2000). Examining social workers' placement recommendations of children with gay and lesbian adoptive parents. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 81(5), 517–533. <https://doi.org/10.1606/1044-3894.1053>

Ryan, S., & Whitlock, C. (2007). Becoming parents: Lesbian mothers' adoption experience. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 19(2), 1–23. <https://doi.org/10.1080/00050060500391860>

Shaw, E., Butler, C. A., Langdridge, D., Gibson, S., Barker, M., Lenihan, P., das Nair, R., & Richards, C. (2012). Guidelines and literature review for psychologists working therapeutically with sexual and gender minority clients. *British Psychological Society*.

Suárez, M. I., Stackhouse, E. W., Keese, J., & Thompson, C. G. (2022). A meta-analysis examining the relationship between parents' sexual orientation and children's developmental outcomes. *Journal of Family Studies*, 1-22. <https://doi.org/10.1080/13229400.2022.2060121>

Tasker, F., & Bellamy, C. (2019). Adoption by same-sex couples – reaffirming evidence: Could more children be placed? *Family Law*, 171–179. ISSN 0014-7281.

Weston, K. (1991). *Families we choose: Lesbians, gays, kinship*. Columbia University Press.

Xavier, P., Alberto, I., & Mendes, F. (2019). Same-sex parenting: Identification of social representations in a sample of portuguese professionals. *Journal of Homosexuality*, 66(2), 223–274. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1400314>

NUEVAS PERSPECTIVAS PARA EL TRABAJO CON FAMILIAS DEL SIGLO XXI: CONCLUSIONES DEL V CONGRESO IBÉRICO DE TERAPIA.

Resumen.

Durante los días 10, 11 y 12 de noviembre en Madrid, se celebró el V Congreso Ibérico de Terapia familiar, en el que se habló sobre las nuevas estructuras de familias del siglo XXI, profesionales de todo el mundo se reunieron para debatir y reflexionar para poder dar respuesta y claves a muchas cuestiones que empiezan a aparecer en las consultas de los terapeutas familiares desde el modelo de sistémico.

Ana María García Díaz.

Psicoterapeuta familiar y de pareja.

Francisco Derqui Civera.

Psicólogo clínico. Psicoterapeuta familiar y de pareja.

Palabras clave.

Conclusiones, Congreso Ibérico, familias el siglo XXI.

